

Ad Sr.<sup>o</sup> Henrique Pedro da Costa  
Fale

N.º 36

500  
11232<sup>3</sup>

Como de seu contrario natural  
A Pintura que falia quereim mal.  
Cam. Lus.

Naue, Melibeu, nao te envergonhe  
Oviltador desprezo, com que trataoim  
O Cio inerte, e feitu Pedantismo,  
De Apollo aos dignos Filhos.

Nao cubica a Torreira subterranea,  
(a) A benefica Luz do Louco Tebo.  
Odeias e Panso governador do Cyne  
Os sonoros legueiros.

Tremam, tremam de nos, nos so' quodemoi,  
Da fallante Pintura com um Lago  
Levar a par do Tempo o' eternidade  
Seus ridiculos gestos.

Mas sempre a Ira foi ma' conselheira:  
Da doce Vinganca amargo fructo.  
Deixa aquelle no' charco dos seus vicijs  
Apodrecer inglorio.

(a) Ver a benigna Luz do Louco Tebo

Coliças d'outro Charlottão veii d'ora  
Com campanudeas vozes, oucas frases  
As Damas aturodir, e deslumbra las  
C'o europeu litterario.

Em breso del' brand na vasta loje  
Os ministros cruéis de Velho Eterno  
O Caruncho, e Bolor avider tragam  
Seus scientificos partos.

Em queinto brandamente as longas atzas  
Em torno meneando o Esquecimento,  
O fumo vão da sua tenue gloria  
Dissipa, pelos ares.

Sim, mimoso Pintor da Natureza,  
Os cameleões de honras, de etiquetas,  
Eas hydropicas cans que tanto grasnam,  
Inda em vida morrêrão.

Nós so deus nove Irmãos Alumnos, Yates  
Com affeito e seguro pé trilhamos  
Da Eterna Fama a lubrica vereda  
Por fragas, precipicios.

Mal entramos seu Templo, a Deza Augusta  
No sempiterno livro flamejante  
Com estylo de luz inextinguivel  
Nossos nomes escrever.

Após elles ao lucido Volume

Commette os dos Várões, que libertam os  
Cos Hymnos immortaes, das cruas garras  
Da famulenta Parca.

Mais do que no Lenil e Sol estivo  
Brilha o Santo lugar, que não profunda  
Dos Annos o impio Rey; mas junto ao Atrio  
Torvo bramimete garras.

Assim, mercê de Febo, a nono arbitrio  
Fazemos Cidadãos da Eternidade  
A mil, e mil cõ carmen poderosa  
De Sectar borrifado.

Assim de Heros o Olympo invocamos,  
Revocados à luz cõ mago canto  
Do Lethe, onde co'a ignobil Inercia  
Summergidos jaziam.

Não so com o quediça Espora, e as Filhas  
Egas por honra sua, honra da Patria,  
Da san palayra atroz de morte acerba  
Se offrecer espontaneas.

Nem nas aras de Amor a linda Castro  
Foi a primeira, que a Ambica ferina,

Immolou os filhinhos salpicamela  
C'ò seu sangue innocente.  
Ou s'òs daquelles dous Mavorciós Louiós  
Alouguengue, e Pacheco no Oriente  
Accumulou ois yalmoús, decauto melas  
Pelas Filheas de Iove.

Antes que o Gama o Tormentario Cabo  
Dobrane affoito, muitos já surcárao  
Estes virgineos campos de Septuano  
C'ò voador arado.

Não a todos opprime immensa nocte  
Porque o Fado lhes nega santos D'ates,  
Que a luz traçam seus nomes, talvez dignos  
De nono grato pranto.

Cia Amigo: animoso e firme trilho  
A herma via: que cêda-te a Verdeide  
Com o facho os erros dissipando  
Ca virtude te escove.

Não te ajuustes dos torvos sobreceitos,  
Nem te acozardem desdenhosos vultos

Dos Monstros de Ignorancia, e de Sentença  
Arrufados raelios.

Deves d'outras de pelles de Elefantes.  
Da Opulencia fantasticos Colossos,  
Entre os braços de Ignavia, da Torpeza  
Incaidos de Lemoros.

Sotto as pedras do Liso quando vires  
O ar de magisterio, e os farruricos  
Dos Echos de Tornaes, d'Encyclopedias,  
Crespos de Ingles, de Grego.

Modernos sabichões omni-palbrantes,  
Inimigos jurados do Talento,  
Inventores subtile de filagranas,  
Cole ingenhosos naelios.

Ante o alma fulgor do teu engenho,  
Estes nocturnos fosphoros se eclipsam,  
Cem breue co tropel dos ferros Armas  
Se esmiucam, se extinguem.

cod  
112323

11232  
4  
Em vao presume remontar-se ao Pinelo,  
Pinelo das claras Filhas da Memoria  
Brilha o Templo immortal, quem so se escora  
Na lude Natureza.

3

Se a Arte experta nao informa, e anima  
O torpes embriões de um viso engenho,  
Do monstruosos sonhos pouco distam  
Do amodorrado enfermo.

2

Da caprichosa Modas o lume fatuo  
De contino o deslumbra, e o extravicia;  
Cdo tumido ignavo Pedantismo  
Os perfidos louvores

4

Sebo, que me sorriso placido o vulto,  
Mal nascute gozei da aura superna;  
Cjamais letirou de mim irroso  
O seu vivido fogo:

5.

Febo, cujos brilhantes Lynceos olhos  
 Sôz penetram o horror silencioso  
 Do immenso abysmo, aonde jaz sommerso

O fado do Futuro:

6.

Previsto, e carinhoso a vós one guia  
 Para iniciado ser nos seus arcanos,  
 Donde espero soar a Eternidade  
 Sobre os pennuculos seculos.

7.

O caros socios, deste voso Alumno,  
 Que venturoso dehou ante vós grica,  
 Dirigi pios, decotei severos  
 A mente vecejante.

8.

Itô vos ora a Affens, ea dea Patria  
 Que d'is vovos douradas mãos commette um filho:  
 Della bem-mereci; cumproi de Febo  
 A fati-dica sorte.

Oh sinto que me ouvis: ja nalma soam  
 Crebros golpes da Critica affiada  
 Contra arraigados, e terreis prejuizes.  
 Ja vergam, eitem, jarem.

Os raios da Emulação são accezo facho  
Os inertes espiritos lhe aquece:

Toda se desentranha em flores, frutos

A Delia não ingratos.

Sim da honesta Filancia illustre Filha,  
Tu és sempre a nutriz, tu eternizas

As Artes, que a subtil Sciencia,

Quo decesso inventarias.

Ah se não fora o teu ardor divino  
Invidto incitador das Monas grandes,  
Quanto Herois na noite do Semado

Ineffloris jazeriam!

Tu accendeste a Tocha inextinguivel  
Da Romulea Focundia, tu da Drega,  
Cujas luz e Calumnia delumbra,

Ca Ambição servatil.

Tu inflammaste Coelos recidua ponte,  
Etu no Passo Cambalão Pacheco;

Cor deus armi-potentes Defensores

Da gloriosa Dio. N. Volte  
origts

Cod

112324